

UMA JANELA PARA A GEOGRAFIA CULTURAL

Virgínia de Lima Palhares¹

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Geografia Cultural**: um modo de ver. Goiânia: Gráfica UFG, 2018. 384p.
ISBN: 9788549502216

De certo modo, resenhar um livro consiste em expressar sinteticamente as ideias do autor pelo olhar do outro. Se várias pessoas fizerem a resenha de uma mesma obra, haverá uma ideia mestra comum, mas as outras serão filtradas ou não, dependendo dos olhares de cada um. O autor da resenha irá contar ao leitor aquilo que pode passar despercebido durante a leitura de um determinado livro.

Poderíamos, portanto, dizer que resenhar um livro é, antes de tudo, viver uma experiência. Entendo que a experiência é responsável pela nossa exposição ao mundo e ao outro e é dotada de sentido, nos permitindo expressar e compartilhar aquilo que vemos e vivemos. Nesse sentido, nossa atitude tem que ser de abertura para expor ao mundo aquilo que sentimos quando experienciamos. Conseguimos compreender,

¹ Professora do departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa NPGEOH – Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista. palhares.vi@gmail.com.
Avenida Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG. 31270-901.

Uma janela para a Geografia Cultural
Virginia de Lima Palhares

dessa maneira, que embora seja um acontecimento exterior, “a experiência é isso que me passa” (LAROSSA, 2011, p. 4), me atravessa e, portanto, está em mim. A experiência é, portanto, de cada um, particular.

Minha experiência com o livro “Geografia Cultural: um modo de ver”, como o próprio título diz, me auxiliou a ver a Geografia Cultural como um dos principais pilares do fazer geográfico. Maria Geralda de Almeida, a autora deste belíssimo livro, me conduziu a uma viagem no tempo e nas paisagens, territórios e lugares. Transformei-me em uma viajante no meu imaginário; percorri paisagens nunca vistas, festas tradicionais e religiosas até então desconhecidas, quintais e comunidades carregados de significados que me fizeram pensar na resistência, em muitos momentos de minha travessia. Por tudo isso, minha experiência ao longo da leitura foi sendo construída por afeto e imaginação.

O livro “Geografia Cultural: um modo de ver” reúne uma coletânea de dezesseis artigos escritos por Almeida ao longo dos anos 2000 e já se tornou referência na Geografia Humanista Cultural. Nestes artigos, a autora se afirma como uma geógrafa cultural, procurando entender que, na abordagem cultural, podemos ver e ler a experiência do homem no mundo e qual o sentido que ele dá à sua vida. Posto isso, na construção de uma geografia cultural, consideramos como pilar “entender o papel da cultura no conjunto dos fenômenos geográficos” (CLAVAL, 2011, p. 14).

Um livro nunca pode ser considerado uma obra isolada. Neste caso, a autora conversa de forma recorrente com diversos geógrafos franceses, especialmente Paul Claval, Guy Di Méo, Antoine Bailly, Vincent Berdoulay e Christian Beringuier. A autora é, genuinamente, uma geógrafa cultural, participante da matriz cultural de Paul Claval, nascida no sertão norte mineiro, em meio ao cerrado, que deve ter suscitado inspiração para sua escrita.


Nesse momento, peço permissão à autora para entrar no seu livro despida de conceitos prévios para apreciar e degustar suas palavras e convidar ao leitor para iniciar a sua própria viagem.

Logo, vou começar a tecer meus comentários por algo que seja mais forte, a partir do que ele apresenta aos meus olhos. Como a autora já coloca no título convidativo do livro, a Geografia Cultural é um modo de ver a Geografia, é uma janela cultural para o olho geográfico. Ali podemos conhecer as múltiplas territorialidades, as paisagens culturais que se constroem, os lugares que se firmam enquanto recorte de um espaço social, as festas tradicionais presentes no rural, aos diversos atores – comunidades tradicionais, indígenas, pequenos agricultores –, seres pensantes e atuantes na transformação do espaço, enfim, as identidades que se criam e se recriam. Esses aspectos representam um modo de vida e de viver bem particulares, que se traduzem em modos de expressar poeticamente os movimentos que se delineiam no espaço geográfico.

Dentre os artigos apresentados no livro, merecem destaque aqueles que trazem para o debate temáticas envolvendo a paisagem e o patrimônio cultural, o turismo, as festas tradicionais do rural, incluindo as festas religiosas, a poética pelo olhar sertanejo de Patativa do Assaré e de Jack Kerouac, em suas andanças pelas estradas americanas,

Uma janela para a Geografia Cultural
Virginia de Lima Palhares

a identidade e a cultura no sertão, e os saberes desvendados nos quintais das comunidades tradicionais. No livro, a escrita da autora revela a sua própria trajetória pois perpassa sempre o cerrado e o sertão, bases nas quais se revelam as suas reflexões teóricas e empíricas acerca da geografia cultural. Aquele leitor que esteja interessado em fazer uma aproximação com a abordagem cultural e sua diversidade temática, terá a oportunidade de reconhecer e valorizar o papel da cultura na elaboração de seu fazer geográfico.

Mais uma vez ressalvo que o livro, em seus diversos artigos, desperta inquietações cuidadosamente guardadas e impressas no corpo pelas vibrações recebidas durante a leitura. O livro consiste em uma importante contribuição para o geógrafo em formação e para aqueles que gostariam de penetrar nas territorialidades que se formam a partir das peças – paisagem, território, festas, turismo – de um quebra-cabeças geográfico. 

REFERÊNCIAS

CLAVAL, Paul. Geografia Cultural: um balanço. **Geografia**, v. 20, n. 3, Londrina, p. 05-24, set./dez. 2001.

LAROSSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, Santa Cruz do Sul, p. 04-27, jul./dez. 2011.